

DIMINUTIVO: O GRAU QUE AFAGA OU AFASTA

Hélia Coelho Mello Cunha (IFF)
hcunha@iff.edu.br

RESUMO

Nas aulas de língua portuguesa, no Brasil, é comum a apresentação do grau diminutivo como o acréscimo de sufixos a substantivos e a alguns adjetivos. Muitos professores apenas apresentam este grau a partir da gramática normativa, dizendo que, nos substantivos concretos, o grau determina a falta ou redução de atributos de dimensão física, desconsiderando, neste recurso tão expressivo, o desempenho de várias funções semânticas. Interessa-nos, neste trabalho, apresentar conotações expressivas de palavras no diminutivo em diversos gêneros textuais (charges, letras de músicas, textos publicitários, textos literários, artigos de opinião de jornais e revistas, manchetes, discursos de diversos profissionais e até em textos informativos) que ilustrem a riqueza de possibilidades estilísticas deste grau no nível semântico-discursivo, destacando a expressividade e originalidade de seu emprego. Na estilística semântica, buscamos os meios para a análise dos valores expressivos nos diversos exemplos coletados.

Palavras-chave: Diminutivos. Estilística. Semântica. Estilística semântica.

1. Introdução

O diminutivo é uma maneira ao mesmo tempo afetuosa e precavida de usar a linguagem. Afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável, aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, por sua forma original, são ameaçadoras demais.

(Luís Fernando Veríssimo, Diminutivos)

Nas aulas de língua portuguesa, no Brasil, muitos professores apenas apresentam o grau dos substantivos aos alunos a partir da gramática normativa, dizendo que, nos substantivos concretos, o grau determina a intensidade de atributos de dimensão física. Nessa função, o grau é um sistema de posicionamento relativo sobre a intensidade com que um atributo se manifesta no substantivo, é uma escala de três posições que vai do excesso à falta, passando pelo normal. O grau normal indica que o atributo está presente no substantivo em intensidade típica, comum. Os graus aumentativo e diminutivo indicam excesso e falta, respectivamente.

1 te. Contudo, este recurso tão rico e expressivo desempenha várias fun-
2 ções semânticas e não deveria ser apresentado apenas como um assunto
3 gramatical.

4 5 **2. Usos do diminutivo no Brasil**

6 No Brasil, é frequente o uso do grau diminutivo. Está na fala de
7 todos, cultos e ignorantes, crianças e adultos, reforçando o tom coloquial
8 e de descontração. Os brasileiros estão tão acostumados a usá-lo, que
9 nem percebem que, muitas vezes, usam o diminutivo para aumentar
10 (quando um pão, por exemplo, acaba de sair do forno, dizem: “Está
11 quentinho...”), por exemplo.

12 Segundo Monteiro (1991, p. 34), “a frequência de diminutivos na
13 fala de um povo se correlaciona com o seu grau de afetividade, a sua dis-
14 posição emotiva. Daí, sem dúvida, a explicação para o excesso de dimi-
15 nutivos, tão constante entre portugueses e brasileiros” e Castelar de Car-
16 valho (*apud* MONTEIRO, 1991, p. 34), “em sua pesquisa de resultados
17 irrefutáveis, demonstrou que nos diminutivos prepondera a função emo-
18 tiva (psicológica) sobre a função lógica (ideia de pequenez)”.

19 Apesar disso, aos alunos de língua portuguesa, em nosso país, é
20 comum a apresentação desse grau apenas como o acréscimo de sufixos:
21 “-inho, -acho, -culo, -ebre, -eco, -ejo, -ela, -ete, -eto, -iço, -im, -isco, -ito,
22 -ote, -ucho, -ulo, -únculo, -usco” a substantivos e alguns adjetivos, des-
23 considerando-se a sua força expressiva.

24 Para muitos autores, como Ilari (2000, p. 12)

25 Uma das características que empobrecem o ensino médio da língua ma-
26 terna é a pouca atenção reservada ao estudo da significação. O tempo dedica-
27 do a esse tema é insignificante, comparado àquele que se gasta com "proble-
28 mas" como a ortografia, a acentuação, a assimilação de regras gramaticais de
29 concordância e regência, e tantos outros, que deveriam dar aos alunos um ver-
30 niz de "usuário culto da língua". Esse descompasso é problemático quando se
31 pensa na importância que as questões da significação têm, desde sempre, para
32 a vida de todos os dias, e no peso que lhe atribuem hoje, com razão, em alguns
33 instrumentos de avaliação importantes, tais como o Exame Nacional do Ensi-
34 no Médio, os vestibulares que exigem interpretação de textos e o Exame Na-
35 cional de Cursos.

36 (...) Ao contrário do que acontece com a "gramática", simplesmente não
37 existe em nosso ensino a tradição de tratar do sentido através de exercícios es-
38 pecíficos, e isso leva o professor da escola média a acreditar que, nessa área,

1 não há nada de interessante a fazer. O estudo da língua é direcionado apenas
2 para o aspecto fonológico, morfológico e sintático.

3 Segundo Bastos & Spengler, em pesquisa realizada na PUC-PR, é
4 possível observar que o diminutivo é empregado sob quatro for-
5 mas/estilos: “o sufixo é utilizado para amenizar fatos ocorridos (*proble-*
6 *minha*), expressar afetividade (*irmãzinha*), ser portador de sentido pejor-
7 rativo (*bolinho*), ou ainda carregar seu próprio valor de significação, sen-
8 tido denotativo (*parquinho*)”. Além disso, as autoras afirmam que apesar
9 de as gramáticas normativas citarem que o sufixo do diminutivo só se
10 apresenta diante de substantivos e adjetivos, já há a ocorrência na atuali-
11 dade desses diante de palavras invariáveis como advérbios (ideia de su-
12 perlativo) e até mesmo junto aos verbos em suas formas nominais (parti-
13 cípio e gerúndio).

14 Os diminutivos também podem ter significação de aumentativo
15 (“*a montanha-russa me deu um friozinho na barriga*”), servir para
16 abrandar uma situação (“*Ela irá fazer uma operaçãozinha*”), e dar aos
17 nomes um significado carinhoso, sentimental, de ternura (“*Lulinha paz e*
18 *amor*”) e até substituí-los (“*Xuxa de volta para os baixinhos*”). Podem
19 designar o que é agradável, sensual, excitante (“*Que bundinha boniti-*
20 *nha!*”). Adicionado aos verbos que sugerem uma recomendação, o sufixo
21 de diminutivo acentua a recomendação e reforça o sentido (“*João, vá*
22 *depressinha apanhar o meu remédio na farmácia.*”).

23 Por outro lado, o uso dos diminutivos pode, em determinadas si-
24 tuações, causar constrangimentos (“*Você gosta mesmo de ler esse jornal-*
25 *zinho?*”), ofender e revelar desprezo pelas pessoas (“*Esse doutorzinho*
26 *não acertou um diagnóstico sequer*”). Podem também revelar ironia
27 (“*Que mulherzinha boazinha que tenho! Nem o almoço me oferece*
28 *quando chego do trabalho*”) e antipatia (“*Aquela mulherzinha é insupor-*
29 *tável!*”), indicar raiva reprimida ou desejo de espezinhar o outro (“*Aquele*
30 *povinho me paga!*”). Há também casos em que, apesar de terem um sufi-
31 xo de diminutivo, não encerram a ideia do grau (“*Garotinho é o ex-*
32 *governador do Rio*”).

33 A análise do uso dos diminutivos deve sempre ser feita dentro de
34 um contexto, pois só assim se terá a ideia exata de seu significado. Se-
35 gundo Monteiro (1991), a percepção do estilo utilizado encontra-se liga-
36 da a um conjunto de operações que ultrapassam o quadro formal, trans-
37 bordando sobre a vida, o mundo e a ideologia.

1 A estilística é uma de nossas ferramentas de análise, já que, con-
2 cordando com Guiraud (1978) consideramos *estilo* como o emprego dos
3 meios de expressão determinado pela natureza e intenções do indivíduo
4 que fala ou escreve.

5 Segundo Guiraud (1978, p. 86)

6 A estilística da expressão é o estudo do valor estilístico dos meios de ex-
7 pressão, dos matizes afetivos, volitivos, estéticos, didáticos e outros, que dão
8 colorido à significação. Há valores expressivos que traduzem os sentimentos,
9 os desejos, o caráter, o temperamento, a origem social, a situação de indivíduo
10 falante e, valores impressivos que representam suas intenções deliberadas, a
11 impressão que ele quer produzir, valores de grande importância na expressão
12 literária.

13 A estilística da língua e estilística da palavra são as duas tendên-
14 cias da estilística atual; mas, segundo Guiraud (1978, p. 94), a separação
15 entre a estilística pura e a aplicada dificilmente pode ser mantida. Por
16 concordarmos com ele, nosso trabalho de pesquisa, apesar de privilegiar
17 a estilística da expressão, não pretende excluir a estilística impressiva (li-
18 terária).

19 A semântica é uma teoria que pretende, após estudar o fenômeno
20 da significação no nível da frase, do texto e da enunciação, analisar a re-
21 lação entre o significado da expressão linguística e sua força comunicati-
22 va, salientando o modo como essa relação é entendida numa abordagem
23 funcionalista. Os fenômenos de sinonímia e paráfrase; da antonímia; de
24 hiperonímia/hiponímia; o da ambiguidade; de redundância semântica; o
25 da contradição; das informações implícitas são explicados pela semânti-
26 ca. Guiraud (1978, p. 83) afirma que “No plano semântico, coloca-se o
27 problema dos efeitos naturais e dos efeitos evocativos das palavras e, por
28 outro lado, do das mudanças de sentido”.

29 A estilística semântica, que estuda os sinais da língua, nos dará,
30 portanto, meios para a análise dos valores expressivos nos diversos
31 exemplos de comunicação linguística nos quais o uso do diminutivo se
32 faz presente.

33 Interessa-nos, neste artigo, apresentar conotações expressivas
34 (manifestação de sentimentos e emoções) de palavras no diminutivo em
35 diversos gêneros textuais escritos que ilustrem a riqueza de possibilida-
36 des estilísticas do diminutivo no nível semântico-discursivo, destacando
37 a expressividade e originalidade de seu emprego em charges, letras de
38 músicas, textos publicitários, textos literários, artigos de opinião de jor-

1 nais e revistas, manchetes, discursos de diversos profissionais e até em
2 textos informativos.

3 Nos anúncios publicitários, nos quais há a necessidade de aceita-
4 ção do público, o uso do diminutivo aproxima o consumidor. Rynaldo
5 Gondim, por exemplo, criou um texto que fala de praia e cidade para a
6 marca Havaianas, voltado às mulheres (**Fig. 1**). Ele usou “pezinho” (di-
7 minutivo de “pé”) com este propósito.



8
9 **Fig. 1:** anúncio de Havaianas.

10 **Fonte:** <https://discutindoaredacao.wordpress.com/2010/12/>

11 Já, no anúncio da Vila-Fruti (**Fig. 2**), há o uso do diminutivo com
12 valor de aumentativo. Para valorizar a temperatura do pão servido no es-
13 tabelecimento, que é bem quente, a palavra “quentinho” serve muito
14 mais para convidar o consumidor à compra do pão do que se fosse utili-
15 zado o aumentativo “quentão”.



16
17 **Fig. 2.** <http://cargocollective.com/priscilaperovano/Campanha-Inauguracao-Vila-Fruti>

1 Na charge (Fig. 3), para provocar riso, humor, a economia brasi-
2 leira é contada no diminutivo. E na Fig. 4, o diminutivo também serve
3 para fazer uma crítica à atitude dos políticos em época de eleições: dar
4 “tapinhas” nas costas dos eleitores.



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor

Fig. 3. <http://www.luizberto.com/coluna/um-texto-de-luiz-otavio-cavalcanti>



Fig. 4. Setembro 16, 2014.

Fonte: <http://www.folhadafloresta.com.br/tapinha-nas-costas>

1 O diminutivo também serve para amenizar uma situação. Percebe-
2 se este caso no texto “Traz só uma coisinha pra mim?” (Fig. 5), no qual o
3 autor relata os pedidos que são feitos a ele quando viaja para o exterior.
4 Uma pessoa que pede um iPhone dizendo que é uma “coisinha” tenta
5 amenizar a situação constrangedora de pedir um produto tão caro usando
6 o diminutivo. No início do texto, o autor Rodrigo Alves, explica esta si-
7 tuação: “Basta anunciar uma viagem ao exterior ao seu círculo social pa-
8 ra que a enxurrada de encomendas tenha início. Itens de toda sorte, desde
9 os mais caros no mercado brasileiro e que, aparentemente, são mais aces-
10 síveis em terras gringas, até vinhos que você encontra com preços tão
11 competitivos quanto no mercado nacional. Nunca pensei que abordaria o
12 assunto num artigo, mas mudei de ideia depois das minhas viagens de fé-
13 rias para Orlando e Miami. O que mais ouvi foi a frase: “Traz só uma
14 coisinha para mim?” Do iPhone ao perfume, da maquiagem ao notebook,
15 de lente fotográfica aos tênis Nike. Uma lista criativa é formulada na ca-
16 beça das pessoas. Além do produto diferente, todos querem tirar proveito
17 da sua viagem para fazer economia. Muitos julgam que encontrarão seu
18 produto do sonho pela metade do preço e se esquecem que o dólar está
19 em alta, da taxa de 10% sobre cada compra e mais a cobrança de IOF
20 (Imposto sobre Operações Financeiras) na troca das moedas”.

21
22 E o valor afetivo está presente em letras de música, como, por
23 exemplo, em "Coisa bonita", gravada por Roberto Carlos: dirigida a gor-
24 dinhas:

25 Amo você assim e não sei por que tanto sacrifício
26 ginástica, dieta não sei pra que tanto exercício
27 olha, eu não me incomodo
28 um *quelinho* a mais não é antiestético
29 Pode até me beijar, pode me lamber
que eu sou dietético...

30 Uma declaração da cantora Ana Carolina foi muito divulgada na
31 mídia pelo uso do diminutivo com valor depreciativo: “Tem homem que
32 é tão mulherzinha que eu não me surpreenderia se fizessem xixi senta-
33 do.” (Frases – <http://kdfrases.com>).

34 Fazendo brincadeira com o uso dos diminutivos pelos brasileiros,
35 a **Coca-Cola** criou, neste ano de 2014, uma divertida série de comerciais
36 para a Copa do Mundo no Brasil, e que está sendo veiculada por quase
37 toda a América Latina. A língua, chamada de “*portuguesiño*” (português
38 no diminutivo, em espanhol), é ensinada nos cinco vídeos já lançados.
39 ([http://www.hypeness.com.br/2014/04/coca-cola-brinca-com-jeito-de-
40 falar-do-brasileiro-em-cam-panha-para-a-america-latina](http://www.hypeness.com.br/2014/04/coca-cola-brinca-com-jeito-de-falar-do-brasileiro-em-cam-panha-para-a-america-latina)). Uma prova de

- 1 que nós, brasileiros, somos conhecidos mundialmente pelo uso que fa-
- 2 zemos dos diminutivos.



Traz só uma coisinha para mim?

Rodrigo Alves

Bato anzacur uma viagem ao exterior a seu círculo social para que a enciclopédia de experiências tenha mais breves de cada vez. Apesar de mais caras no mercado brasileiro a que, aparentemente, são mais acessíveis em terras gringas, até valores que você encontra com preços tão competitivos quanto no mercado nacional. Nunca pensei que aborciaria o assunto num artigo, mas muitas de lá, depois das minhas viagens de férias para Orlando e Miami. O que mais gostei foi a frase: "Traz só uma coisinha para mim?"

De iPhone a perfume, de maquiagem a notebook, de lente fotográfica ao meu Volvo. Uma lista criativa é finalizada na cabeça de cada pessoa. Além de produtos diferentes, todos querem tirar proveito da sua viagem para fazer economia. Muitos já pensam que encorajaram seu produto sócio pela indústria de grupo e se surpreendem que o dólar está em alta, da taxa de 16% sobre cada compra e mais o cabotagem de 10% (imposto sobre Operações Financeiras) na troca dos moedas.

É provável que a pedida venha do seu amigo de infância, mas pense-se também para receber um e-mail do parente em quarto ano, um telefonema do colega de trabalho do departamento ao lado e um SMS do irmão do irmão de cima. Não esqueça-se até o novo namorado do seu primo pede para lhe oferecer no Facebook. Ao aceitar a solicitação, verá que a intenção é

pedir perfumes importados.

No meu caso, as aborciagens surgiram três meses antes da viagem. Com delicadeza, expus meus argumentos. Já estava com um único item eletrônico em mente, que se enquadrava no limite de 500 dólares estabelecido pela Receita Federal. Também apresentei debates sobre as diferenças de preço entre os produtos brasileiros, mas não foi suficiente para convencer a família. Então a ideia de pensar em muitas compras cresceu sozinho no parquinho das compras.

Mas até durante o passeio, muitas gente fez pedidos. Uns chamaram pelas redes sociais, outros via e-mail. O problema é não acessar com boa parte das turmas o que você viu somente como o dinheiro necessário e caso faça compras no cartão de crédito, corre o risco de a moeda valer mais e o fechamento da fatura e a compra sair mais cara que o valor esperado.

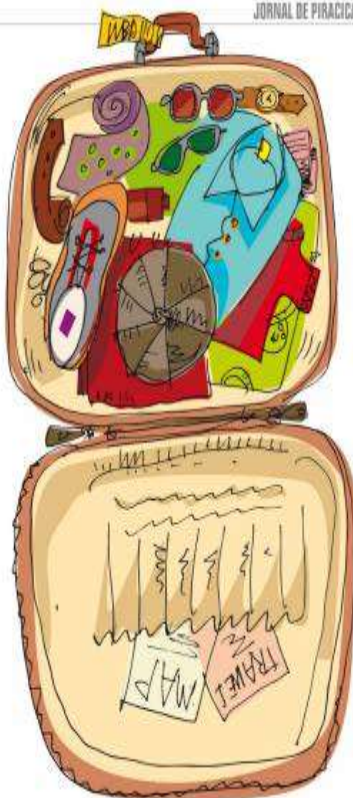
A primeira e última vez que fiz uma encomenda foi em 2011. Minha irmã esteve na Disney e, na época, a frete era a primeira versão do iPad. Pedi o modelo com orelhete verde e o preço de memória. Resultado: comecei com o orçamento e o resultado foi inferior a uma metade da expectativa. No caso não foi possível o pedido. Inconfortável, depois, que ela abriu mão de ir para os parques, desistiu-se até a ideia de comprar a Disney não vendeu (iPad e desistência de férias de qualquer jeito).

Muitas pessoas não sabem,

mas uma simples encomenda pode trazer vários benefícios. É preciso entender por seu retorno para se dedicar a busca do produto. Pense que esse não é caro, como acontece com a minha irmã, ou ainda que o destino seja fora de sua rede. Também há vantagens como desconto e assim em que os filhos são favoritos e leva-se pelo menos 10 minutos para chegar ao caixa (sem fila).

Sei algo da máquina "quem compra, leva". Logo, aceitar uma encomenda representa corrigir o acesso para lá e para cá e, depois, não há como mais. Há limite de peso para itens des-pedidos, há produtos que não podem ser transportados em bagagem de mão e aqueles que correm o risco de "arrasarem" na alfândega. A regra vale para as encomendas que parecem boas, como os vestidos da Disney (sem, bom gosto que pedirá).

Concluiu-se um artigo que deveria ser apenas um comentário, porém que todos passaram por situações parecidas. Os que se tornaram economistas, colecionam histórias antigas e agora deram quebrando a cara. Fazer "traz" para as encomendas é um ato enobrecido, principalmente para as pessoas próximas. Mas é um gesto que evita discussões para os dois lados, poupa expectativas de quem encomenda e torna a viagem mais agradável para quem, afinal, quer apenas curtir as férias sem stress.



- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11

Fig. 5. Publicado no Jornal de Piracicaba em 17 de janeiro de 2014.
<http://dandonota.com/artigos-jornal-de-piracicaba-2014/traz-so-uma-coisinha-para-mim>

3. Considerações finais

Pretendemos com essa pesquisa contribuir para o ensino de língua portuguesa, ao estudarmos um grau que, normalmente, é apresentado aos alunos como uma questão de gramática normativa, em séries iniciais de estudo, de forma superficial, fora do contexto.

1 Cremos que a compreensão do uso do diminutivo que, além de
2 expressar noções positivas pode conter carga negativa, seja essencial pa-
3 ra o entendimento de um texto. E esperamos que os professores se con-
4 vençam da necessidade da abordagem desse fenômeno em sala de aula,
5 tornando a leitura de textos uma atividade prazerosa e considerada pelo
6 aluno importante para que ele participe mais efetivamente da sociedade,
7 compreendendo melhor o uso do melhor instrumento de poder que te-
8 mos: a palavra.

9

10

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 11 BASTOS, Alessandra Silveira; SPENGLER, Ana Luiza. *O uso do sufixo*
12 *diminutivo na fala do curitibano*. Disponível em:
13 <[http://www.pucpr.br/educacao/academico/graduacao/cursos/letras/texto](http://www.pucpr.br/educacao/academico/graduacao/cursos/letras/texto_talento.php?codtalento=56)
14 [talento.php?codtalento=56](http://www.pucpr.br/educacao/academico/graduacao/cursos/letras/texto_talento.php?codtalento=56)>. Acesso em: 29-10-2004
- 15 GIRAUD, Pierre. *A estilística*. Trad.: Miguel Mailliet. 2. ed. São Paulo:
16 Mestre Jou, 1978.
- 17 ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as pala-*
18 *vras*. São Paulo: Contexto, 2002.
- 19 MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.